

“MULHERES MARCADAS”: NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS FILHAS DO CANDOMBLÉ.

Cicera Aguida Barbosa Marcelino¹

Henrique Antunes Cunha Junior²

O presente estudo é uma proposta apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri. Tem como proposta, trabalhar as narrativas e trajetórias de professoras advindas do terreiro de candomblé, dentro do contexto, discutimos: como o ambiente escolar institucionaliza o racismo em torno de práticas de manutenção de um currículo ilusório, que não discute as africanidades que traduzem os problemas que dizem respeito a população negra. Partimos da ideia de que o racismo é estrutural, como esclarece, Almeida (2018) e a partir dessa constatação entendemos que o fato de ocupar os espaços acadêmicos e escolares Hooks (2013) e Kilomba (2010) da cidade de Juazeiro- CE, essas professoras acabam por trazer para o campo educacional os temas relacionados à África e africanidades, logo, a discussão gira em torno da obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, assim como, leva-nos a discutir não apenas, o acesso, mas a permanência de negros na escola. O descaso com os temas relacionados a população negra, acaba por traduzir uma educação e alguns educadores, que universalizam as desigualdades sociais, sem problematizar as especificidades, voltando a nosso embate que é a negação do racismo. Nesse sentido, apresentamos as narrativas autobiográficas Souza (2006) como instrumento metodológico de análise da pesquisa e também ressignificar as narrativas de professoras candomblecistas para entendermos como gênero, raça e identidade são primordiais na construção de uma educação que repensem as práticas docentes e viabilize a história dos afrodescendentes.

Palavras Chave: Educação. Professoras. Terreiro. Candomblé. Narrativas Autobiográficas.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA.
aguidamarcelino123@hotmail.com

² Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior. Universidade Federal do Ceará – UFC
Hcunha.@ufc.br